



A DISCUSSÃO DA SORORIDADE: um estudo sobre as pesquisas realizadas na pós-graduação no Brasil

Maria Roberta Medeiros Angelim ¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a produção acadêmica na pós-graduação no Brasil sobre a sororidade. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2011 e 2021, quando a sororidade foi incluída no vocabulário ortográfico da língua portuguesa. A maior produção foi encontrada na área da educação.

Palavras-chave: Sororidade, Feminismo Contemporâneo, Publicações e Pós-graduação

INTRODUÇÃO

Segundo o vocabulário ortográfico da língua portuguesa, sororidade tem a seguinte definição: Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero, conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres (VOLP, 2021). Apesar de já ser usada na linguagem coloquial, a palavra sororidade só foi incluída no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), lançado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em julho de 2021.

Nos últimos anos, o movimento feminista tem se apropriado desse termo, na tentativa de estabelecer e transformar não somente suas relações com outras mulheres, mas sobretudo buscar transformações sociais, políticas, econômicas e jurídicas (BECKER e BARBOSA, 2016).

Neste trabalho, buscamos conhecer as pesquisas na pós-graduação no Brasil, que abordam a sororidade e as áreas de estudo nas quais elas se concentram. É importante conhecer e entender os termos novos e antigos que permeiam os debates feministas e como eles se adentram dentro do espaço acadêmico e de formação.

¹ Pós-graduanda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba – PB maria.angelim@aluno.uepb.edu.br;

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa bibliográfica na internet, utilizando a ferramenta gratuita “google acadêmico”, que é específica para buscar artigos, relatórios, e-books, revistas científicas e outros materiais que possam servir de embasamento teórico. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2011 e 2021.

REFERENCIAL TEÓRICO

A noção de sororidade emergiu dentro dos movimentos sociais nas décadas de 1960 e 1970, em um cenário bastante efervescente, quando o movimento feminista parecia ter se consolidado e muitas coisas estavam acontecendo quase ao mesmo tempo (Judith Butler entrevista Gayle Rubin, 1980).

No movimento feminismo lésbico, por exemplo, que teve início na década de 1960 com a revolta de Stonewall²², Adrienne Rich afirma em seu livro “A Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” que: “A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade” (1993, p. 40).

Em 1968, o grupo Mulheres Radicais de Nova York trouxe a sororidade como algo poderoso ao escrever em um panfleto a frase “a irmandade de mulheres é poderosa”. Dois anos depois Robin Morgan editou uma coletânea de textos feministas sobre esse título disseminando de vez essa expressão quanto a ideia contida nela (ZIRBEL, 2021, p. 9).

No final dos anos 1960, a escritora norte-americana e feminista radical, Kate Millet usou o termo sisterhood para se referir a união de todas as mulheres sem fazer distinção de classes sociais ou origem étnica (CÂMARA, 2017).

² No dia 28 de junho de 1969, nos EUA, gays, lésbicas e trans se uniram num evento que marcou a luta pela cidadania da comunidade LGBT mundo afora. A chama acesa em Stonewall se alastrou por diversos países, chegando ao Brasil no final da década de 1970, em plena ditadura militar. (MOVIMENTO LÉSBICO BRASILEIRO: HISTÓRIA, PAUTAS E CONQUISTAS. politize.com.br, 2021. Disponível em: <www.politize.com.br/movimento-lesbico-brasileiro/>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

O emprego das palavras *sister* e *sisterhood* têm raízes no contexto do movimento Black Freedom e no discurso religioso protestante durante a primeira onda do feminismo norte americano (LEAL, 2019, p. 92).

Sobre o uso do termo *sisterhood*, na década de 1960 nos Estados Unidos, Hooks (2018) afirma que ele ia além do reconhecimento de experiências comuns e do alívio terapêutico de seu compartilhamento, criando conexões que adquiriam contornos materiais e transcendiam seus espaços, como nas iniciativas de suporte financeiro e psicológico a vítimas de estupro e na criação de redes para viabilizar o aborto, entre outras ações.

Com a velocidade das informações difundidas na internet, principalmente através das redes sociais, que se caracterizam como novos espaços de articulação, a palavra *sororidade* tem sido utilizada em grupos privados e também perfis públicos do movimento de mulheres (BECKER e BARBOSA, 2016, p. 246).

Segundo o ranking das principais buscas realizadas pela ferramenta de internet google, em 2017, o interesse em encontrar uma definição para o novo conceito da palavra *sororidade* ocupou o quinto lugar nas pesquisas da categoria “o que é” (LEAL, 2019).

A palavra *sororidade* começou a se resignificar e ganhar força ao ser utilizada pelo movimento feminista e citada por várias mulheres no sentido de uma união para lutar contra as mais variadas formas de opressão e violência e se ajudarem mutuamente. Segundo Beker e Barbosa (2016), a *sororidade* é fundamental para que uma mulher possa se colocar no lugar da outra, praticando a empatia e combatendo a *misoginia*.

Alguns autores alegam que esse movimento pautado na aliança é utópico, pois as diferentes realidades e a diversidade das relações de poder também se fazem presentes nas formas de convivência de mulheres com mulheres. Como afirmam Silveira e Alda (2018), a abordagem sobre o assunto nas redes de comunicação vem tomando um caráter utópico que, além mistificar um ideal inalcançável na prática, afasta diversos grupos de mulheres em consequência da discussão ser fomentada através de uma perspectiva homogênea.

Miguel (2014) diz que tentar entender os problemas das mulheres como comuns a todas, sem levar em conta elementos como raça, classe, renda ou orientação sexual, seria silenciar sobre a multiplicidade de experiências específicas que compõem a condição feminina.

Já para Fraçoise Collin (COLLIN 2016 apud COSTA, 2019) esse movimento pautado na aliança para combater o machismo, a violência e o sexismo foi pensado na ilusão da harmonia

e da homogeneidade entre as mulheres, assim como uma ilusão da identidade absoluta entre o privado e político.

A filósofa Márcia Tiburi (2016), por exemplo, diz que não se deve, a partir da crítica do mito da rivalidade feminina, criar o mito da mulher naturalmente compadecida, pois elas são pessoas que experimentam todos os tipos de afetos (TIBURI, 2016, p.8).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico iremos apresentar o estado da arte sobre a bibliografia encontrada em trabalhos de conclusão de especializações, teses e dissertações da pós-graduação que contém a sororidade como uma das palavra-chave, agrupando-as por quantidade de produções por ano e por inserção nas áreas de conhecimento, descritas nas páginas nas quais os trabalhos estão disponibilizados.

A pesquisa foi realizada na internet, através da ferramenta gratuita google acadêmico, entre os anos de 2011 e 2021. Foram encontradas 14 publicações. Os dados encontrados serão distribuídos nos gráficos a seguir:

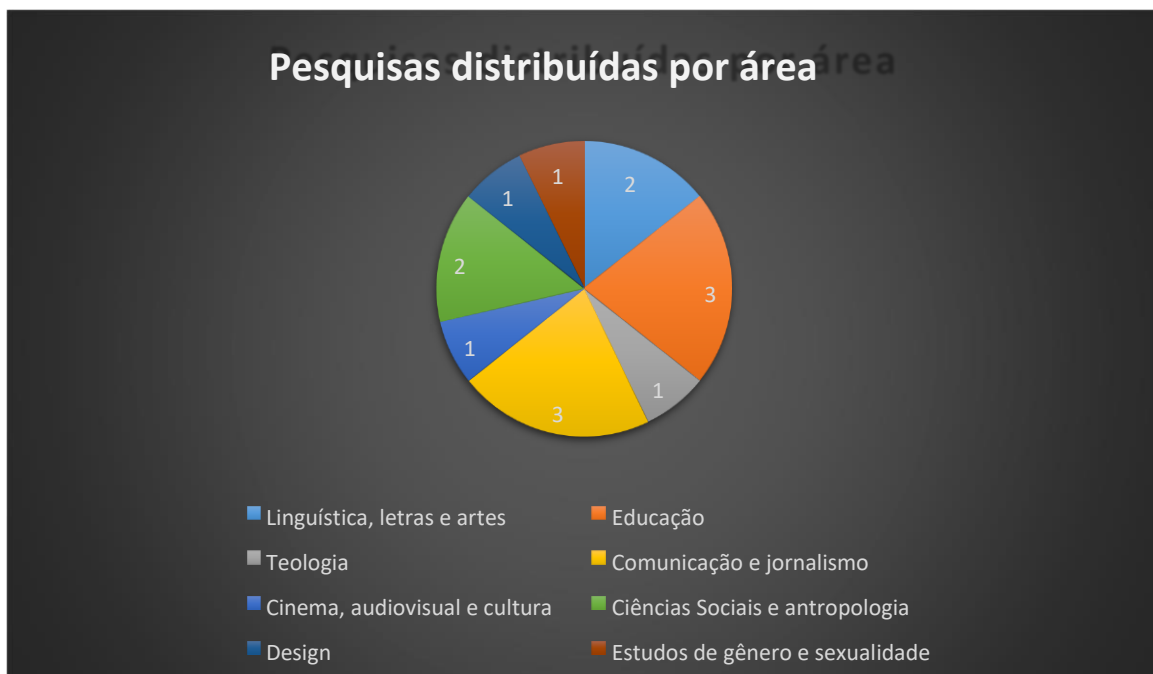
Gráfico 1



Fonte: Pesquisa própria realizada entre janeiro de 2011 e dezembro de 2021

De acordo com o primeiro gráfico foram encontradas 14 publicações entre janeiro de 2011 e dezembro de 2021. Os anos de 2011, 2012 e 2013 e 2014 não tiveram produções de acordo com os critérios desta pesquisa. No entanto, os anos com os maiores números de produções, de acordo com os dados, foram 2019, 2020 e 2021. Vale ressaltar o crescimento considerável das produções com a temática nos últimos 3 anos, mesmo sendo dois deles (2020 e 2021) assolados pela pandemia da COVID 19.

Gráfico 2



Fonte: Pesquisa própria realizada entre janeiro de 2011 e dezembro de 2021

De acordo com o segundo gráfico, as áreas que apresentam maiores publicações são as da educação, seguida de comunicação e jornalismo, ambas com três (03) trabalhos cada. As áreas com os menores índices de publicações foram: design e estudos de gênero e sexualidade, com apenas um (01) trabalho.

Tabela 1: Títulos dos estudos, autores, ano e áreas de conhecimento nas quais eles estão distribuídos

Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade a outra educação!	Vitor Stoll, Carin Werka e Simone Silva Alves	Educação	Ano 2015 – Tese
Feminismo além das mídias sociais: um Estudo exploratório sobre sororidade e feminismo entre professoras dos anos iniciais do ensino fundamental	Fernanda Macedo	Educação	Ano 2017 - Especialização
Sororidade na educação: uma experiência com oficina de	Lorena Gabriela Santos	Educação	Ano 2019 - Dissertação

empoderamento feminino			
A invenção da sororidade	Tatiane Leal	Comunicação e jornalismo	Ano 2019 - Tese
Mulheres em Movimento: histórias contadas e vividas sobre sororidade, lutas e afetos	Claudia Maria de Barros Fernandes Domingues	Comunicação e jornalismo	Ano 2019 - Tese

Crise, Feminismos e Comunicação. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais	Tatiane Leal	Comunicação e jornalismo	Ano 2020 - Pós-doutorado
Sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância	Dantielli Assumpção Garcia e Lucília Maria Abrahão e Sousa	Linguística, letras e artes	Ano 2015 – Pós-doutorado
Sororidade e empoderamento: uma análise do discurso feminista no Facebook	Mariana Guidetti Área: linguística, letras e artes	Linguística, letras e artes	Ano 2019 - Dissertação
Subversão, sororidade e feminismo pela prática: o caso das funkeiras brasileiras	Camille Giraut	Ciências Sociais e antropologia	Ano 2020 – Dissertação
Nós por nós: solidariedade feminina nas interfaces entre sororidade e dororidade - práticas e discursos em grupos de mulheres numa rede social digital	Milane do Nascimento Costa	Ciências Sociais e antropologia	2021 - Tese

	Camila Bonjovani Lamazales	Design	Ano 2021 - Dissertação
A sororidade como fator de sucesso para a jornada do empreendedorismo feminino através do design thinking			
Sororidade com Saber Goiano: O feminismo Pioneiro de Consuelo Nasser (1938–2017)”, a trajetória dessa	Adrielly Borges de Melo	Cinema, audiovisual e cultura	Ano 2020 - Dissertação
Sororidade: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB	Cristina Scherer	Teologia	Ano 2018 - Dissertação
Sororidade sem Barreiras: Limites e Conexões no Enfrentamento à Violência de Gênero na Fronteira BR–PY	Maria Aparecida Webber	Estudos de gênero e sexualidade	2021 - Especialização

Fonte: Pesquisa própria realizada entre janeiro de 2011 e dezembro de 2021



Podemos observar de acordo com a tabela acima que a perspectiva feminista e do movimento de mulheres perpassou todos os trabalhos encontrados nesta pesquisa. Percebe-se ainda a importância da sororidade para o feminismo, já que os temas se apresentam entrelaçados na construção dos estudos citados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber nos dados apresentados, cresceu o número de pesquisa de pós-graduação no Brasil sobre a sororidade, mesmo durante a pandemia da COVID 19. Além disso, pudemos observar que o estudo da sororidade permeia trabalhos de diferentes áreas do conhecimento como ciências e antropologia, design, principalmente na educação, etc.

Mesmo com esse crescimento, ainda se faz necessário um maior conhecimento e utilização do termo para que ele possa se ressignificar ainda mais, ser melhor difundido e trazer o sentido de uma união para que nós mulheres lutemos contra as várias formas de opressão e nos ajudemos mutuamente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Simone Silva. **Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade a outra educação!** Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: 000939866.pdf (ufrgs.br)
- BECKER, M. R.; BARBOSA, C. M. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e a experiência de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas. **Coisas do gênero**. São Leopoldo. V 2. N.2. 2016.
- CÁMARA, Julia; Sororidad y conciencia femenina: qué hermandad de mujeres para qué propuesta política. **Revista vientosur.info**, 2017. Disponível em: <https://vientosur.info/sororidad-y-conciencia-femenina-que-hermandad-de-mujerespara-que-propuesta/>
- COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: _____ canos 70/80 do século XX). **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v.6, n.2, jul./dez. 2009.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. Sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Estudos linguísticos**. São Paulo, V. 44 N. 3, p. 991-1008, 2015.
- LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia. 2019.** Tese de Doutorado (Programa de PósGraduação em Comunicação e Cultura) - Escola de



Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: tese_tcosta_2019 (4).pdf

MACEDO, Fernanda. **Feminismo além das mídias sociais: um Estudo exploratório sobre sororidade e feminismo entre professoras dos anos iniciais do ensino fundamental.**

Trabalho de conclusão do curso de especialização em gênero e diversidade na escola – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MIGUEL, Luís Felipe. **Feminismo e Política: uma introdução.** IN: Feminismo e Política.org. Luís Felipe Miguel/Flávia Biroli. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2014.

PENKALA, A. P. A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black. **Revista do programa de Pós-graduação em artes visuais**, Pelotas, edição 03, dezembro de 2014.

Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10216>

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 3 jul. 2022.

RUBIN, Gayle. Tráfico sexual. Judith Butler. Nome do Entrevistador. Cadernos Pagu, Campinas, V. 21, p.157-209, 2003.

SAFIOTTI, H. I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, V.13, n.4, p.82-83, 1999. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/?lang=pt>

SANTOS, Lorena Gabriela. **Sororidade na educação: uma experiência com oficina de empoderamento feminino.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação - Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SCHERER, Cristina. **Sororidade: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB** - Dissertação de Mestrado Profissional em Teologia – Faculdades EST, 2018.

SILVA, Ivana Carolina Santos. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney.** Brasília. 2016. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Comunicação,

Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16599/1/2016_IvanaCarolinaSilva_tcc.pdf

TIBURI, Marcia. Prefácio. IN: Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas. Ed. 1. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

ZIRBEL, I. Ondas do feminismo. **Mulheres na filosofia.** Campinas, V.7, N.2, p. 10-31, 2021. Disponível em: Ondas-do-Feminismo.pdf